



## FOUCAULT E A CRÍTICA ÀS CIÊNCIAS: “ANTECÂMARAS” DA ARQUEOLOGIA

JORGE ALBERTO DA COSTA ROCHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O “Prefácio da segunda edição” da *Crítica da razão pura*, de Kant, fala que a lógica não é uma ciência, mas sua “antecâmara”. Ou seja, que a formalidade de suas regras é requisito basilar para a constituições de todas as ciências, a construção lógica dos seus argumentos ou exposições, embora ela mesma não seja uma ciência como tal. Nos idos de 1960, Michel Foucault desenvolve o seu projeto arqueológico. Em comparação similar ao que fez Kant, *mutatis mutandis*, quais foram as “condições de possibilidade” para que esse novo método de estudo criado por Foucault fosse levado adiante? Segundo a posição que queremos defender aqui, um requisito incontornável seria tentar entender ora a constituição mesma das ciências que se colocavam como modelos de abordagem do real, seus mecanismos e quiçá distorções – segundo inúmeras “imagens apaziguadoras” de que se tinha delas – ora, por tudo isso, a legitimidade para se propor outro caminho de abordagem na esfera do saber. Os textos iniciais de Foucault sobre psicologia, somado à sua *História da loucura*, abrem caminhos promissores para um novo método arqueológico que seria proposto. Mas, antes de tudo, constituem vasto material para uma crítica ao *modus operandi* das ciências nunca deixado de lado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Foucault; ciências; psicologia; loucura; arqueologia.

**ABSTRACT:** The “Preface to the second edition” of Kant’s *Critique of Pure Reason* says that logic is not a science, but its “antechamber”. In other words, the formality of its rules is a basic requirement for the constitution of all sciences, the logical construction of their arguments or expositions, although it is not a science as such. In the 1960s Michel Foucault developed his archeological project. In a similar comparison to what Kant made, *mutatis mutandis*, what were the “conditions of possibility” for this new method of study created by Foucault to be carried forward? According to the position we want to defend here, an unavoidable requirement would be to try to understand either the very constitution of the sciences that stood as models of approaching the real, their mechanisms and perhaps distortions – according to countless “appeasing images” that we head of them – or, for all this, the legitimacy to propose another path of approach in the sphere of knowledge. Foucault's initial texts on psychology, added to his *History of Madness*, open promising paths for a new archaeological method that would be proposed. But, above all, they constitute vast material for a critique of the *modus operandi* of the sciences that has never been left aside.

**KEYWORDS:** Foucault; sciences; psychology; craziness; archeology.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciência da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: jorgeacr@terra.com.br.

## Apresentação

A então proposta de estudo nasceu de uma certa comparação algo aleatória que nos surgiu repentinamente entre Kant (1724-1804) e Michel Foucault (1926-1984). Kant, no “Prefácio da segunda edição” da *Crítica da razão pura*, antes de mostrar as razões pelas quais a metafísica não lograra êxito, ao contrário da matemática e da física, as quais conseguiram manter o “caminho seguro da ciência” (KANT, 1985, p. 16), chega a abordar a lógica. Diz sobre esta que ela não era uma ciência, propriamente falando, mas a sua antecâmara. Significava isso ser seu suporte, seu bastidor, sua presença real e, não obstante, ela mesma oculta. Afinal, qual discurso científico poderia mostrar-se sem se valer das prerrogativas da boa e correta exposição das suas proposições, argumentos, conclusões?

Mas se a comparação referida acima podia apenas servir para sugerir ideias, nunca relações diretas, era porque, afinal, não havia em Foucault a ambição de ser um teórico das ciências. Muito pelo contrário, ainda que Michel Foucault buscasse questionar as ciências, em geral não é “classificado” como epistemólogo. Roberto Machado comenta essa distinção e arrola seus argumentos. Em livro já clássico, *Foucault, a ciência e o saber* (2002), diz este que, ao se referir à arqueologia, Michel Foucault não busca nortear-se “pelos mesmos princípios que orientam a história epistemológica” (MACHADO, 2002, p. 9); ou seja, que a ciência de certa forma encontra um contraponto na filosofia e que ela é o lugar privilegiado da racionalidade. Essas ciências se voltavam, com Bachelard, para a química e física e, com Canguilhem, para Biologia, anatomia e fisiologia, as chamadas ciências da vida.

A arqueologia foucaultiana se baseava nas ciências do homem, outra “região” científica, e quisera ser uma “crítica da própria ideia de racionalidade”, não estando em causa fazer uma história dos saberes como história do progresso da razão, depurado cada vez mais na direção de saberes objetivos, verdadeiros, justificáveis etc. (MACHADO, 2002, p. 8). Nos *Dits et écrits*, coletânea de artigos, prefácios, entrevistas (doravante mencionada como *Dits*) há pelo menos cinco recorrências diretas e principais à noção de arqueologia: negativamente, que ela não seria uma história da linguagem ou da filosofia, não teria parentesco com a geologia ou genealogia e não visava a nenhum tipo de fundamento; positivamente, tratava-se de buscar a superfície de um sistema discursivo, as formações inconscientes que, como tais, não se percebe.<sup>2</sup>

Não foi nosso intuito adentrar nesse âmbito de análise. Apenas elucidar argumentos segundo os quais o surgimento do projeto arqueológico foucaultiano não poderia existir sem uma compreensão (fortalecida e ou enriquecida com o passar do tempo) do significado das

---

<sup>2</sup> Ver: FOUCAULT, 1994, p. 188 e FOUCAULT, 2001, p. 603, 623, 814, e 1.109.

ciências, algo como antecâmaras do método arqueológico. Três textos iniciais de Foucault, mas bastante importantes, dariam conta da nossa empreitada: dois artigos produzidos em 1957 e alguns pontos fundamentais colhidos na sua *Histoire de la folie*, de 1961. Tratar a ciência a partir de questões internalistas e externalistas (a produção de saberes não existe sem instâncias institucionais reprodutoras desse saber), vê-la como lugar de “captura do saber”, ao invés de sua verdade, aclarar, com Foucault, certos mitos que se fizeram em torno da ciência libertadora dos insanos, enfim, o detalhamento do *modus operandi* das ciências era empreitada decisiva e até obrigatória para que os caminhos na constituição de um novo método investigativo em Foucault pudesse surgir. Uma iniciativa, aliás, nunca abandonada, eis nossa hipótese.

Como derradeira observação, e nos referindo aos *Dits*, contornamos o ano de 1954, breve momento foucaultiano ligado à fase da sua “proto-fenomenologia”, nas palavras de Nalli (2006, p. 16-17): a “Introduction” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 65)<sup>3</sup> que ele faz ao livro de Binswanger, “Le Rêve et l’Existence”. Entendemos ser a referida obra não fundamental para os propósitos aqui anunciados.

### **A psicologia nascente: questões internalistas e externalistas**

Nos *Dits et écrits*, precisamente em 1957, vamos poder ver duas análises foucaultianas voltadas para o empreendimento supostamente científico de várias disciplinas, notadamente a Psicologia: trata-se da análise foucaultiana da Psicologia de 1850 a 1950 e das relações entre normatividade científica e Psicologia (FOUCAULT, *DE I*, 1994). Esses textos versam sobre o questionamento, pois, acerca de que ciência é essa que se insinua na sua curta história, que começa no século XIX. Quais suas características? Características “paradoxais”, dirá Foucault acerca do primeiro texto pois, se de um lado, a Psicologia herdará da *Aufklärung* a tarefa de se alinhar “às ciências da natureza e de reencontrar no homem o prolongamento das leis que regem os fenômenos naturais” (FOUCAULT, *DE I*, *DE I*, 1994, p. 120) de outro, não conseguirá dar conta desse projeto e dos seus postulados. Ou seja, do rigor e da exatidão que caracterizariam as “ciências nobres”.<sup>4</sup>

A psicologia, ao longo desses cem anos, estabelecerá novas relações e novas práticas: “educação, medicina mental, organização de grupos” – em todo instante buscando marcar aí

---

<sup>3</sup> Doravante usaremos a sigla *DE* para nos referirmos aos *Dits et écrits*, de Michel Foucault.

<sup>4</sup> No artigo de nossa autoria, fruto do estágio pós-doutoral (Foucault and the Noble Sciences. In: *Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, v. 12, p. 1-14, 2022) abordamos detidamente esse problema. Acerca da Crítica que já tinha sido feita por Husserl em sua obra mais tardia e que, embora sob outro prisma filosófico, igualmente divisava as dificuldades de transposição do método das ciências naturais para as humanas, sua obra mais tardia é bem específica sobre isso (HUSSERL, 2002, p. 67).

seu “fundamento racional e científico” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 121), diante do que se apresentava a tal ciência como o anormal, o conflituoso, o que não se adapta, enfim, das “contradições do homem consigo mesmo” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 121-122). E os métodos dos quais busca não poderiam ser outros, senão o dos modelos físico-químicos, orgânicos (com suas referências a Newton ou Lavoisier), o modelo evolucionista e seu novo “mito darwiniano”, proporcionando o surgimento de obras como a de Spencer: os indivíduos evoluem por meio de um “processo de diferenciação” e de “organização hierárquica”. Mas isso só momentaneamente, porque, nessa longa história da psicologia em 100 anos, na visão generalista de Foucault,<sup>5</sup> não fora suficiente apenas mostrar como “forças” naturais se desenvolvem no homem, mas como nasce nele mesmo suas “significações”.

Surge a busca pelo “sentido” em fins do século XIX, e a necessidade de que o elemento da história venha em socorro da apreensão desse homem. Que a Fenomenologia tenha privilegiado o tema da compreensão pelo da explicação, fora Freud, contudo, com sua psicanálise, que mais contribuiu para esse expediente. Como bem sintetiza Foucault: na reflexão freudiana, a “análise causal é transformada em gênese das significações, a evolução dá lugar à história [e o] recurso à natureza é substituída pela exigência de analisar o meio cultural” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 128).

Mas se enganaria aquele que pensasse que uma análise objetiva estava fora do alcance das metas do saber científico. O empreendimento freudiano vai identificar nos sonhos e nos sintomas dos pacientes o material do passado cristalizado que servirá de base para a interpretação do psicanalista, já sabedor de que seu papel vai consistir em minorar as inevitáveis contradições entre os meus desejos e as restrições sociais. Sem querer suprimir os conflitos, caberá “transformar a contradição neurótica em tensão normal” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 128-129).

E, nesse sentido, sem se afastar das ambições científicas, repetimos com Michel Foucault, com Freud “Um estudo objetivo das significações tornou-se possível” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 129), desencadeando na psicologia outras tantas vertentes de análise e de temas: o Behaviorismo, a Gestalt, o problema das atitudes e das performances, da expressão e caráter, das condutas diante das instituições e entre grupo de pessoas. A conclusão foucaultiana nesse texto de 1957 é que até então a psicologia não conseguira sair da sua ambiguidade fundamental, de oposições no bojo de uma relação com a sua busca de significações objetivas: “totalidade ou

---

<sup>5</sup> Uma das grandes críticas de Merquior a Foucault, e que perpassa todo o seu livro (MERQUIOR, 1988) consistirá nesse tipo de análise generalista, às expensas de um tratamento mais pormenorizado de caso a caso.

elemento; gênese inteligível ou evolução biológica; performance atual ou aptidão permanente e implícita; manifestações expressivas momentâneas ou constância de um caráter latente; instituição social ou condutas individuais” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 135)?

Ainda no ano de 1957, Foucault vai publicar novo texto em revista sobre a psicologia: “La recherche scientifique et la Psychologie”. O artigo do autor (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 138)) começa com uma lembrança jocosa da pergunta de certo professor a um aluno debutante: você vai querer fazer “‘psicologia’, como Maurice Pradines e Maurice Merleau-Ponty, ou ‘psicologia científica’, como Binet ou outros mais atuais?”.

Essa pergunta aparentemente pueril, talvez feita cotidianamente pelo docente sem maiores atenções àquilo que estava implícito, não passara despercebido por Foucault: “Um dos a priori históricos da psicologia, em sua forma atual, é a possibilidade de ser científica ou não, sob o modo da exclusão” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 138). Ora, não fazer aquela pergunta a um físico (sua física vai ser científica ou não?) significava claramente que a física (juntamente com a matemática e a química: as “ciências nobres” apontadas por Foucault e referidas no nosso artigo – ROCHA, 2022) – nascera “no interior de uma objetividade já científica” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 138). Trata-se de estar instalado de imediato em um espaço que sequer admite uma opção. Não entramos num curso de Química podendo optar pela alquimia ou pela química científica. Essa questão simplesmente não tem sentido (!).

Ou, no exemplo menos extremo da psicologia, a “escolha” estaria em trilhar por uma ciência verdadeira ou por uma especulação falsa, filosófico-psicológica (os caminhos trilhados pelos citados Maurice Pradines e Maurice Merleau-Ponty). No primeiro caso, **medir, contar e calcular**; no segundo, com as pechas que se colocam aí, uma Psicologia que “pensa, reflete e se desperta pouco a pouco à luz da Filosofia” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 138). Foucault não conclui que isso fora o que entendia o professor que nos referimos acima. Mas atesta que, há menos de cinquenta anos para cá, ou seja, contando de 1957,

sob a forma de um certificado de licenciatura, representava a boa consciência positivista e naturalista dos programas filosóficos. E se a consciência é difícil satisfazer, a boa consciência é fácil de contentar: Biran, Taine e Ribot eram os beneficiários de uma operação equivalente a fazer da psicologia uma filosofia, e a pior possível, no nível de uma **mitologia positivista**. Enquanto no térreo se celebravam esses ritos funerários dos quais as universidades provincianas e importantes idosos nos conserva ainda a lembrança, nos sótãos, como os jalecos brancos, trabalhava-se pelo nascimento da psicologia experimental (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 139, grifo nosso).

O questionamento foucaultiano, diante disso, era: como uma “verdadeira psicologia” poderia nascer já científica e só depois levar em conta a sua pesquisa? Mas tal pergunta mesma já não daria mostras de ser uma atitude “desordenada” e “cética”, mais até do que até “dogmática”? Parte importantíssima do texto foucaultiano, falar em alguma ciência exigiria a pergunta prévia acerca **de qual racionalidade se optou** para, só então, e diante disso, reivindicar o status de científica:

é preciso pedir explicações à pesquisa quanto à escolha de sua racionalidade, é preciso interrogá-la sobre um fundamento do qual já se sabe que ele não é a objetividade constituída da ciência. Por fim, é preciso interrogá-la sobre o *status* de verdade conferido por ela própria à ciência (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 139).

O texto avança tentando divisar o papel da psicanálise. Ora, esta parece surgir como algo de contraditório à psicologia: à época, por exemplo, só médicos poderiam exercer sua docência; ao mesmo tempo, a psicanálise faz despencar uma psicologia do consciente para uma análise do inconsciente, alterando naquela métodos, técnicas, pressuposições. Estaríamos diante de um momento diferenciado, onde a então ciência da psicologia nascente estaria frente à necessidade de uma “retratação”?

Para Michel Foucault, apenas aparentemente houve um movimento contraditório. A psicanálise durante anos incitou a psicologia com ideias e temas para investigação e esta, que nascera como “protesto contra a ciência oficial e como máquina de guerra contra o ensino tradicional” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 142, grifo nosso) – ratifiquemos, é assim que nasce as ciências para Foucault – não tivera por parte da psicanálise sua continuação original.

Capítulo importante nas considerações sobre o papel do ensino nas instituições (e que nos reenvia a questões quase externalista ainda a serem vistas, como alertávamos na Introdução desse trabalho sobre mesclas às vezes necessárias de um parâmetro para o outro), Foucault divide aqui, de um lado, a pesquisa ela mesma e, de outro, a ciência constituída. A primeira só tem sentido se se coloca “contra um ensino, em detrimento de uma objetividade reconhecida”; só tem sentido se se instala como “**invasora**” de um saber, ao invés de buscar completá-la ou encerrá-la como pesquisa concluída (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 142).

Nesse âmbito, a psicanálise não surge e se transforma como as ciências em geral, cuja *démarche* se caracteriza por “retificações sucessivas, segundo uma superação sempre renovada do erro” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 142). A psicanálise mostrará as “ilusões” da pesquisa em psicologia, e só isso existe: ilusão, não erro!

O papel da pesquisa em psicologia não é, portanto, o de superar o *erro*, mas de pôr a descoberto as ilusões: não é o de fazer progredir a ciência restituindo o erro no elemento universal da verdade, mas exorcizar o mito elucidando-o com uma retificação desmistificada (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 144).

Na realidade, a questão que aqui está implícita, ou mal vista, é a relação entre ciência e história. Não basta dizer que a primeira se reflete na segunda, se se insiste em um plano de verdade que faz da ilusão ora descoberta o salto para certa verdade em crisálida. Colocar uma ciência sob a jurisdição da história é ver que esta condiciona aquela em dada época relativamente a seus métodos, acontecimentos e conceitos. Afinal, o que fez a pesquisa em psicologia? Tomou a histórica como sua “exterioridade”, olhando-a como o faz um espectador de uma peça, de fora, sem participação ou coparticipação. Se ela fizesse um movimento de imersão histórica, aí sim poderia compreender-se como “cultura”:

Se a ciência histórica progride por desmistificações sucessivas, isso se dá também, e em um mesmo movimento, por uma tomada de consciência progressiva de sua situação histórica como cultura, de seu valor como técnica, de suas possibilidades de transformação real e de ação concreta sobre a história (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 144).

No texto “La recherche scientifique et la Psychologie” (FOUCAULT, *DE I*, 1994) tínhamos parado no instante em que Foucault criticara as ambiguidades da psicologia pouco menos de cinquenta anos antes de 1957, mas não as nomeamos especificamente. Fora ambígua em três sentidos: no nível das suas instituições, das suas formas cotidianas e da dispersão dos seus trabalhos.

Fato curioso, se as ciências, de um modo geral, começam a sua atividade como “heresia” à ciência constituída, pensara Foucault, não é menos certo que logo são absorvidas pelas instituições. Assim, na psicologia em análise, diz ele, a certo momento ela é “reconhecida” – eis um sinônimo para aquela “absorção” – como “centro de formação e de ensino” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 140). Falando sobre o “sótão de Binet”, onde este criara um laboratório de psicologia experimental, menciona Foucault que três cientistas compuseram o mesmo; a saber, um da área de medicina, outro de letras e outro de ciências. Tratava-se de garantir um “judicioso ecletismo” entre esses saberes e de dar uma autonomia “proporcional à amplidão das divergências” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 140).

Daí nasceram estudos sobre a psicologia infantil, sobre orientação profissional, desenvolvimento cognitivo da criança e, algo importantíssimo, sempre subsidiados pela criação de instituições: Instituto de Estudos do Trabalho e de Orientação profissional (1927), Centro de

Estudos da Afasia (em Salpêtrière), além de inúmeras outras que Foucault sinaliza a omissão, a todas referidas como “organismos oficiais de pesquisa psicológica” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 141).

Michel Foucault constata uma condição “paradoxal” na carreira do psicólogo: de um lado há uma carência de formação teórica; de outro, existe alguma formação técnica. Mas o “exercício” mesmo da ciência da mente precisaria do consórcio de ambas, da prática e da pesquisa – o que levava o psicólogo a buscar completar a sua formação lançando-se à tarefa da pesquisa, à cata de bolsas de estudo no CNRS (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 147). Isso também tinha a ver com aspectos tradicionais incrustados. A medicina desde sempre trabalhara segundo o signo de que uma doença é algo de “anormal” acometido por um sujeito, algo da ordem de uma “coisa” a ser sanada; enquanto isso a psicologia vai usar como terapia a linguagem e seus símbolos, aos olhos dos médicos isso não passando de uma “empreitada mágica” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 150).

No texto que aqui estamos tratando, Foucault (*DE I*, 1994, p. 150) chama essas questões literalmente de problemas de atraso e de aderência (*retard et d'adhérence*). Mas, em seguida, coloca algo que se aproxima da vertente externalista que assina essa parte do nosso trabalho. Ora, os atrasos e as aderências são resolvidos com o tempo. O que perdura, porém, é a relação social e econômica que preside ao funcionamento das ciências. E seria simplista dizer que a psicologia, como todos os outros ramos do saber, toma isso como certo e inquestionável, como o desenvolvimento da balística ou da física atômica em época de guerra.

Foucault reclama aqui para os particularismos que envolvem cada caso (isso mostra como ele tanto usa de generalismos em muitas ocasiões, mas também observações pontuais aqui ou ali). E a recusa da “simplicidade” da qual nos referimos há pouco tenta se justificar na medida em que isso vai muito além do desenvolvimento ou do atraso de uma ciência em tempos ora propícios, ora inapropriados. Tomando o caso da psicologia, a qual obviamente espelha o que pode acontecer com outras ciências, relações sociais e econômicas adversas vão interferir na sua “positividade”.

Para tentarmos aqui ser mais precisos, avancemos mais na década de 1960. Em “Réponse à une question” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p.689),<sup>6</sup> Michel Foucault vai fazer uma distinção entre ciências dotadas de uma “estrutura epistemológica mais forte”, como a matemática e a física, e outras com um campo de positividade mais “denso” e “complexo”,

---

<sup>6</sup> A “positividade” é o “sistema” de “quatro níveis” (regras de formação de objetos, tipos sintáticos, elementos semânticos e operadores). Cf. FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 736. Quer dizer, cada formação discursiva está ligada a certas condições e regras e suscetíveis a mudanças (FOUCAULT, *DE I* 1994, p. 693).

como medicina, economia e ciências humanas. Ora, no bojo da formação e desenvolvimentos dos seus conceitos, a psicologia se deparou com fenômenos como desemprego e superprodução. O que isso acarretou? Em conformidade com o “destino de todas as ciências aplicadas” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 150), ela deixou de ser uma “técnica de integração” para se tornar uma “técnica de exclusão”. Para finalidade de uma indústria, qual sentido será atribuído à noção de aptidão? Dependerá do contexto econômico vigente no momento. Conclusão: “As técnicas físicas, químicas ou biológicas são *utilizáveis* e, tal como a razão, ‘dobráveis em todos os sentidos’. Mas, por natureza, as técnicas psicológicas são, como o próprio homem, *alienáveis*” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 152).

### **Três horizontes do prefácio à *História da loucura***

Após aquelas incursões de Foucault sobre a psicologia, vemos surgir uma das suas maiores obras, *História da loucura*, requisitada em nossas análises por conta da abertura que dá a inúmeras considerações sobre o funcionamento das ciências, bem como sobre características filosóficas do Ocidente.<sup>7</sup> A partir do “préface” de *Histoire de la folie* identificamos algumas linhas de abordagem eminentemente fundamentais e conduziremos aqui o leitor a uma dúvida desde já exposta: tudo não estava em crisálida desde 1961?

Entre as primeiras citações que Foucault faz de Pascal e de Dostoiévski, o parágrafo imediatamente seguinte, talvez o mais fundamental do texto, Foucault tenta nos instalar em um “marco 0” de uma história da loucura, frente a uma razão pouco discernível diante do seu “vizinho” (FOUCAULT, 1994, p. 159); ou mesmo de nós, quem sabe. Pois há de se captar a loucura sem o apoio de uma ciência nascente, a psicopatologia, que fez algo recorrente na história do Ocidente: um “gesto de corte” (*geste de coupure*), uma verdade que se impõe, a denúncia de uma “falta” ou de uma “doença”.

Havia uma loucura captada na Idade Média e no Renascimento de maneira peculiar. Mas, no fim do século XVIII, diz Foucault, rompe-se o diálogo de um e de outro, e a linguagem da psiquiatria se impõe-se como “o monólogo da razão sobre a loucura” (FOUCAULT, 1994, p. 160), cabendo “fazer uma arqueologia desse silêncio”. Assim, sempre mesclando críticas às ciências com proposições filosóficas, Foucault menciona duas coisas prévias. A primeira é que o Ocidente deveria ser pensado em termos de cultura e de experiências-limite. Uma dimensão trágica que nosso mundo quisera desde sempre recusar, como apontara Nietzsche,

---

<sup>7</sup> Roberto Machado reputa *história da loucura* como o melhor trabalho do século XX sobre o tema (MACHADO, 2017).

particularmente em *O nascimento da tragédia* (NIETZSCHE, 1992), e que margeou a própria questão da verdade sobre o homem, seu destino e coração, ou de tantos outros interditos, como os sexuais. Ora, uma história a se fazer não deveria recorrer a uma etnologia, mas “em nossa própria cultura, falar das formas continuamente moventes e obstinadas da repressão, [ao invés de] fazer a crônica da moralidade ou da tolerância” (FOUCAULT, 1994, p. 162).

Qual lugar dar à loucura se excetuarmos nossos discursos rotineiros sobre esta? Parece que a loucura está instalada em algum *locus* próprio da contradição: o lugar do “vazio”, do “nada”, do “vão”, existente e, ao mesmo tempo, sem “lugar na história”. Interrogar essa relação que distribui em dois lados opostos, a razão e a loucura, não é uma problemática da dialética, mas de uma dimensão trágica, como falamos acima, cuja “interdição”, recusa, negação se impõem como tarefa inicial, antes mesmo do que os clássicos objetivos científicos relacionados à constatação, apreensão ou reconhecimento:

a percepção que o homem ocidental tem de seu tempo e de seu espaço deixa aparecer uma estrutura de recusa, a partir da qual denunciemos uma palavra como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo direito a tomar lugar na história (FOUCAULT, 1994, p. 163).

Acerca disso, diz Roberto Machado:

Se a hipótese de uma experiência trágica é decisiva no livro [*Histoire de la folie*] é porque apenas essa experiência permite dizer a verdade da psiquiatria ou da psicologização da loucura, situando-a no processo histórico de um controle cada vez mais eficaz efetuado pela razão, processo de controle que evidencia como uma cultura rejeita sua parte maldita (MACHADO, 2000, p. 22)<sup>8</sup>

Não há como dar uma palavra final a esse “vazio”, nosso entendimento será sempre precário. Gilles Deleuze atribui a Foucault aquele que deu “o passo mais decisivo rumo a uma teoria-prática das multiplicidades” (DELEUZE, 1988, p. 25). Ou seja, um “múltiplo” que não pode ser determinado conceitualmente ao relacioná-lo a algo que fosse o “Um”, uma vez que a manutenção de uma polaridade não nos faria sair do círculo vicioso de valor ou de tipificação. Só há multiplicidades, diz Deleuze, e se a loucura em Foucault se torna objeto de análise é na exata medida em que não a relacionamos ao estado da arte da psiquiatria, com sua breve história. O saber científico menos apreende ou retira os véus da nossa ignorância do que

---

<sup>8</sup> Roberto Machado dedica o capítulo VI do seu livro (2006, p. 202) para debater esse aspecto trágico em Nietzsche que fora, senão o primeiro a tratar do tema, pelo menos o primeiro a “se intitular filósofo trágico”.

entra em cena como instância de “captura” [*capture*], com todo o peso literal dessa palavra: domínio, imposição, cerceamento (FOUCAULT, 1994, p. 164).<sup>9</sup>

Daí Foucault buscar resgatar uma “experiência da loucura” que ocorre justamente antes daquela polaridade que se estabeleceu entre razão e loucura. Uma “decisão” que liga e que separa esses atores (FOUCAULT, 1994, p. 164). Nada que se assemelhasse, entretanto, a algum tipo de fenomenologia. Pois Foucault não busca o “sentido” dessa experiência, apesar de em alguns momentos podermos ser levados a pensar assim. Ao contrário, como escreve Frédéric Gross (1997, p. 125), a todo o instante se vê um “debate surdo” de Michel Foucault com aquela corrente.

A uma “vivacidade” da loucura, pois – da Idade Média ao Renascimento o debate em torno da loucura acrescentava elementos ligados a poderes inaudíveis do mundo, “queda e realização”, “bestas”, “segredos ocultos do saber” – surgiu uma captura da loucura totalizante. Quer dizer, sem mistérios, pois se a desvendou, e sem lembranças, pois tratava-se de esquecê-la, talvez esta uma grande novidade nas observações foucaultianas nesse quesito (FOUCAULT, 1994, p. 165).

O esquecimento, pelo menos nessa parte do texto, reside no caráter de tê-la “conhecido demais”. Qual palavra acrescentar a esse movimento? Arrogância de um saber positivista? Talvez uma não compreensão do espaço do “fora” aquém, pois (quer dizer, nem abaixo, nem acima ou do lado...) do discurso científico. Há apenas visibilidades e discursos. Nosso “fora” é a instância das formas institucionais e discursivas de interdição (FOUCAULT, 1994, p. 412).<sup>10</sup>

Estabelecer partilhas muito próprias, como entre a razão e a loucura (um pouco mais adiante Foucault falará sobre doença, crime, sexualidade) significava preocupar-se mais em estabelecer limites do que pensar em identidades. Como assim, “limite”? Gestos “obscuros”, diz Michel Foucault, procedimentos ligados a alguma espécie confusa de memória, pois ao passo que o Ocidente rejeita, exclui, coloca algo como o seu “exterior”, imediatamente ela se esquece disso, ratificando o que falamos acima. Poder-se-ia interpretar: naturaliza essa rejeição.

Em segundo lugar, uma ciência que almeja perpetuar a sua hegemonia será aquela que sempre precisará de aparatos institucionais associados ao saber que se quer disseminar. Em 1657 é criado o Hospital Geral e o “grande internamento”, ao mesmo tempo juntando pobres,

---

<sup>9</sup> Estamos em 1961, Foucault tomará o poder como seu objeto maior de pesquisa durante toda a década de 1970, mas já aí fica claro a colocação desse tema, ainda que rudimentarmente.

<sup>10</sup> Para uma análise aprofundada do “fora”, como tema foucaultiano, recomendamos o belo texto de Péter Pal Pelbart, *Da clausura do fora ao fora da clausura* (1989). Foucault também comenta isso explicitamente em “La pensée du dehors” (FOUCAULT, *DE I*, 1994, p. 518), onde cita como seus anunciadores Blanchot, Sade, Nietzsche, Artaud e Bataille.

loucos e indigentes, figuras desinteressantes para o capitalismo; e, em 1794, são liberados os acorrentados de Bicêtre (FOUCAULT, 1994, p. 165).

Seguindo o fio condutor do seu prefácio, dois aspectos foram aqui necessários para serem considerados, atestando certas mitificações que um discurso científico carrega consigo: 1) a questionável libertação histórica dos loucos; 2) a relação cultura e experiência-limite, característica do Ocidente.

### A “libertação” dos loucos; ou os pseudopropósitos das ciências

As análises foucaultianas se baseiam, como ele mesmo escreveu em “*Table ronde du 20 mai 1978*” (FOUCAULT, 1994, p. 21), na prática de identificar “fragmentos filosóficos em canteiros históricos”. Assim, a partir do final do século XVIII a início do XIX parece começar a haver uma mudança sensível na prática do internamento. Isto porque, se a Idade Média segregava os leprosos por razões médicas, e no Renascimento os loucos muitas vezes eram expulsos das cidades, agora eles serão reclusos dentro dos seus muros, e internados justamente a partir de outros sentidos, a saber, sentidos políticos, religiosos, sociais e econômicos:

Nessas instituições também veem-se misturar, muitas vezes não sem conflitos, os velhos privilégios da Igreja na assistência aos pobres e nos ritos da hospitalidade, e a preocupação burguesa de pôr em ordem o mundo da miséria; o desejo de ajudar e a necessidade de reprimir (FOUCAULT, 2003, p. 76).<sup>11</sup>

Denuncia-se o horror que ali imperava, o fato de que os loucos apodreciam “no fundo das casas de correção e nos quartéis de força”, submetidos nesse interregno a métodos bárbaros de tratamento. Tais mudanças, culminando com sua “libertação”, teriam sido decorrentes de novos métodos mais “humanos”, poder-se-ia pensar. A questão colocada por Foucault era se de fato a sociedade dava, enfim, uma resposta satisfatória e ativa ao problema do louco e se as ciências, envolvidas nesses tratamentos dos insanos, conduzia-nos a patamar tão elogiável.

As abordagens foucaultianas feitas em torno das figuras Pinel e Tuke, quando nasce o asilo, colocaram de frente o problema da liberdade. Entretanto, as imagens de “importância lendária” relacionadas a eles (“firmeza lúcida” do primeiro, “calma patriarcal” do segundo, com todo o desdobramento dos seus trabalhos), como lembrou Foucault, precisariam ser avaliadas com mais cuidado ou depuradas naquilo que realmente houve e, por outro lado, naquilo que se tornou representação “mítica”.

---

<sup>11</sup> Daí Merquior lembrar o propósito declarado por Foucault ao escrever tal livro: fazer uma história das condições econômicas, políticas, ideológicas e institucionais relativas à exclusão dos loucos na era clássica (MERQUIOR, 1988, p. 41).

Rabinow e Dreyfus (1995, p. 5 e 10) notam que Foucault não está aqui indo na direção de um progresso científico, de um progresso das instituições médicas: antes de evolução em torno de verdades científicas, internar, isolar, observar marcarão historicamente a inclinação maior. O médico será mais valorizado como figura de sábio, por seu papel jurídico e moral institucionalizado, do que pelo seu saber.<sup>12</sup>

A chamada "libertação dos loucos" por Tuke e Pinel dirá respeito não a um puro debate de ideias, mas à reconfiguração de inúmeras instâncias da sociedade e à transformação de uma estrutura semi-jurídica<sup>13</sup> nascida na era clássica: do Hospital Geral (o primeiro é fundado em Paris em 1656, relata Foucault) para os asilos psiquiátricos – com todo o complexo processo de internamento dos loucos que o envolvia. A estrutura capitalista aí instalada simplesmente não podia aceitar de bom grado uma massa de indivíduos ociosa. Daí a ponte que sempre deve ser estendida entre o conhecimento de um certo fenômeno e suas formas institucionais, políticas e sociais (FOUCAULT, 2001, p. 1528), ou, para sermos rigorosamente foucaultianos, o liame entre tais formas, tendo em vista os processos de exclusão, e o discurso da *verdade* que deve percorrê-los (FOUCAULT, 1994, p. 657).<sup>14</sup>

A prática do internamento, expressão institucional da cesura razão-desatino, envolvia, portanto, questões muito mais amplas, e é a partir desse horizonte mais amplo que as diversas análises deveriam encontrar guarita. O internamento, como privação da liberdade, se justificava pela "vontade de evitar o escândalo", porque o insano podia provocar a vergonha, abalar a honra das famílias ou da igreja (FOUCAULT, 2003, p. 190). Privados das benesses sociais, até os mendigos estavam passíveis de tal reclusão na idade clássica. Afinal, com Calvino e, sobretudo, Lutero, pobreza era desígnio de "castigo". Na Inglaterra, esforços serão feitos para acabar com a miséria, levando os mendigos às casas de trabalho forçado e, justamente pelo fato de ela ser despojada de sua glória, como no antigo imaginário cristão, pobreza e ociosidade serão questão de polícia, mecanismo sociais apto para realizar a tarefa de impor a alguns indivíduos a restrição da sua liberdade.

---

<sup>12</sup> Essa suspeição foucaultiana acerca da medicina, mas aí já na década de 1970, aparece por exemplo em “Les grandes fonctions de la médecine dans notre société” (FOUCAULT, *DE I*, 2001).

<sup>13</sup> Como disse Foucault, chegava-se muitas vezes a internar pessoas por serem 'fúrias', à época termo técnico da jurisprudência e da medicina (FOUCAULT, 2003, p. 149). O devasso, o homossexual, o libertino, o suicida, o maníaco, numa lista que não para aí, eram tipos que a sociedade reconhecia como pertencentes ao desatino e os isolava (FOUCAULT, 2003, p.141).

<sup>14</sup> A partir dos séculos XVI e XVII estaríamos em contato com três séries: exclusão-loucura-verdade, constituindo uma objetividade; correção-prisão-verdade, formando uma política e a prática de uma “governamentalidade”; comportamento sexual-pecado-verdade, na elaboração de uma ética e de uma prática de si (FOUCAULT, *DE IV*, 1994, p. 657 e 596). As duas últimas séries serão objeto dos próximos capítulos desta tese.

Pinel exorta que deem ar livre e liberdade aos insanos e vê na loucura um parentesco com a decadência social: esta é causa, modelo e limite (FOUCAULT, 2003, p. 614). O funcionamento do asilo deve se dar através da reminiscência de uma natureza esquecida, agindo por "deslocamento social": o louco (também agora juridicamente incapaz) deve ser tirado da sua condição, através das práticas do silêncio, do "reconhecimento pelo espelho" (onde é levado a se ver como insano) e do julgamento perpétuo. Deve haver na estrutura asilar, tanto para Pinel quanto segundo Tuke, uma correspondência simbólica com as "estruturas maciças da sociedade burguesa":

relações família-filhos, ao redor do tema da autoridade paterna; relações falta-castigo, ao redor do tema da justiça imediata; relações loucura-desordem, ao redor do tema da ordem social e moral. É daí que o médico retira seu poder de cura (FOUCAULT, 2003, p. 628).

A "filantropia libertadora" de Pinel começa, então, a revelar algumas mazelas, alguns dos seus "paradoxos". É verdade que no antigo internamento os loucos eram submetidos a castigos, prisões e sevícias físicas iguais aos dos outros condenados, e muitas vezes havia uma "abolição total e absoluta da liberdade" (FOUCAULT, 2003, p. 543). Porém, não é menos verdade que a libertação da qual se fala agora com Pinel também trazia consigo suas formas de repressão. A síntese moral ligada à virtude, trabalho, vida social e valores da família tinha que ser seguida, por renúncia à devassidão, ao mau comportamento e à preguiça. Caso contrário, ora práticas antigas poderiam ser seguidas, como as duchas, ora o louco poderia ser privado da liberdade no interior do asilo, cujo símbolo maior era a camisa-de-força, em substituição às correntes.

Paradoxo que converte a medicina em justiça e a terapêutica em repressão. Tal foi a nova forma de "liberdade" que se apresentou com Pinel, onde alienação e crime vão girar "numa relação confusa de complementaridade, de vizinhança e de exclusão" (FOUCAULT, 2003, p. 564).<sup>15</sup> Se no classicismo a definição de loucura estava ligada ao erro e à falta, e os métodos de tratamento utilizados eram remédios; por fim, tentava-se excluir e corrigir, as coisas mudam quando a loucura recebe um estatuto psicológico e moral, resumida na noção de culpabilidade<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Foucault diz que tal relação perdurou até os dias de hoje, uma vez que a violência cometida é, ao mesmo tempo, "o que significa a loucura e o que justifica um castigo rigoroso" (FOUCAULT, 2003, p. 564).

<sup>16</sup> A noção de culpabilidade de fato vai aparecer quando houver uma nítida distinção entre medicamentos físicos e tratamentos morais. O medo será incorporado como método de fixação do movimento para a punição, a alegria significará recompensa, não dilatação orgânica, a cólera não passará de resposta à humilhação. "A distinção do físico e do moral só se tornou um conceito prático na medicina do espírito no momento onde a problemática da loucura se deslocou para uma interrogação do sujeito responsável" (FOUCAULT, 2003, p. 411).

Com Pinel, temos o advento de uma verdadeira estrutura judiciária: o louco deve "saber-se vigiado, julgado e condenado" (FOUCAULT, 2003, p. 621). E com Tuke há muitas semelhanças. O retiro, diz Foucault, vai funcionar na verdade como um "instrumento de segregação moral e religiosa" (FOUCAULT, 2003, p. 598). Para ser liberto das correntes ou amarras, como no exemplo de um certo maníaco, este teria que se submeter aos regulamentos da casa e aos "princípios gerais da moral humana", que incluem aqui fazer parte da falsa família então criada no ambiente asilar (FOUCAULT, 2003, p. 599 e 606). Além disso, sendo a prosperidade o signo da bênção de Deus, a verdadeira força de coação, superior a todas aquelas endereçadas ao corpo, seria o trabalho. Com este, que não tem mais valor de produção, o homem insano poderia, enfim, associar-se aos mandamentos de Deus, limitando e submetendo sua liberdade às leis da realidade e da moral (FOUCAULT, 2003, p. 602), proporcionando, dessa forma, a desalienação do espírito. Ciência e liberdade começam a tomar outras feições a partir da *História da sexualidade*.

Questões relativas à mutação do olhar? Certamente. O louco, como aquele que causava medo, desaparece. O olhar que o atingia apenas na "superfície" de sua "monstruosidade" o atinge doravante de maneira "mais profunda e menos recíproca". O louco se transforma agora naquele que "tem medo", um medo vindo não dos métodos utilizados para cura ou punição, mas, do discurso, dos "subterrâneos da [sua] consciência" (FOUCAULT, 2003, p. 602). A ameaça do reconhecimento da culpabilidade ronda-o a todo o instante, as imagens suscitadas pelos "terrores do além" estão em todo lugar (FOUCAULT, 2003, p. 610). Entre recompensas e punições dá-se, portanto, a passagem de um "mundo da reprovação para um mundo do julgamento", da repressão para a autoridade, da prática conjunta de vigiar e julgar (FOUCAULT, 2003, p. 605). Como disse Foucault nessa longa e importante passagem, na verdade endereçada a Pinel, mas que se aplica também a Tuke e ao que se verificou a seguir,

O louco 'libertado' por Pinel e, depois dele, o louco do internamento moderno, são personagens sob processo. (...) O asilo da era positivista, por cuja fundação se glorifica a Pinel, não é um livre domínio de observação, de diagnóstico e de terapêutica; é um espaço judiciário onde se é acusado, julgado e condenado e do qual só se consegue a libertação pela versão desse processo nas profundezas psicológicas, isto é, pelo arrependimento. A loucura será punida no asilo, mesmo que seja inocentada fora dele. Por muito tempo, *e pelo menos até nossos dias, permanecerá aprisionada num mundo moral* (FOUCAULT, 2003, p. 623).

“Ironia das contradições”: o louco tornou-se livre, mas num espaço mais fechado; o parentesco com o crime e com o mal fora desfeito, mas às custas de uma inocência regida pelo determinismo e no “absoluto de uma não-liberdade”; as correntes foram retiradas, mas sua vontade se alienou no querer do médico. Em resumo, “O Louco doravante está livre, e excluído da liberdade. Outrora ele era livre durante o momento em que começava a perder a sua liberdade; é livre agora no amplo espaço em que já a perdeu” (FOUCAULT, 2003, p. 636).

### Considerações finais

Não basta dizer que estão contidos na arqueologia de Foucault as diversas linguagens, como ciência, filosofia, religião etc., como se tais saberes fossem equivalentes. Antes de mais nada, para nascer uma arqueologia era preciso responder aos imperativos das ciências hegemônicas, essa foi a tese geral que buscamos desenvolver aqui, e o próprio Michel Foucault mostra isso. Ao tematizar a jovem psicologia, uma série de querelas e contradições são apontadas, inegavelmente atreladas a mesclas entre considerações internalistas e externalistas, deixando de responder ao ato original que constitui cada ciência no seu início: ser pesquisa, ser “invasora”, mais do que reprodutora de uma racionalidade (positivista) instalada *quase que* de imediato no seu campo.

Por seu turno, o projeto de desconfiança nas ciências – quer dizer, de sua imagem plácida, apaziguadora, neutra – continuará em pleno desenvolvimento, por ocasião do estudo foucaultiano acerca da loucura. Um trabalho extenso, o maior sobre o tema no século XX, como disse Roberto Machado. Procuramos seguir algumas pegadas deixadas no prefácio da *Histoire de la folie*. Buscamos mostrar os erros de se pensar que, ao nos instalarmos na historiografia tradicional acerca de uma ciência sobre o louco, visualizaríamos um processo contínuo de sua libertação. Exigências do capitalismo, exercício de uma “captura” do insano pelo saber médico (submissão, prisão, desvalorização), ao invés de algum tipo de desnudamento do fenômeno, era isso que nos mostrava Foucault, na contramão das perspectivas favoráveis à hegemonia das ciências. Por exemplo, daqueles que poderiam ficar seduzidos por algum tipo de história psiquiátrica da loucura, descrita em uma sua crônica horizontal.

A metáfora da “luz” que “ofusca” o Ocidente desde o “mito da caverna” de Platão é ressignificada. A ciência estabelece uma forma de ver e de falar, e esse é tanto o seu limite como o nosso. Talvez a diferença mais significativa entre Foucault e as ciências aprisionantes seja a consciência da falência de se alçar ao lugar da “multiplicidade” que há em qualquer tentativa de ordenamento das coisas; este, o seu “correlato” opressor. Que haja valores nas

ciências, que perspectivas morais a percorram, que seu progresso e humanismo sejam questionáveis, o conjunto das críticas feitas por Michel Foucault mostrava para nós a presença de certa antecâmara da arqueologia, cuja proposta teórico-metodológica ele ia maturar por toda a década de 1960 e, mais ainda, até a sua morte, em 1984.

Mas o que nos restava, então, se estávamos todos submetidos a esse “fora” que nos constitui? Foucault vai exaltar na filosofia e na arte alguns expoentes importantes do “mundo festivo da loucura”: Mallarmé, Roussel, Blanchot, Bataille e Klossowski, Nietzsche e Dumézil. Não fomos até aí. Por mais que o convite foucaultiano em prol de uma potência da loucura a ser explorada, ou de uma sua “multiplicidade vivaz” a ser descortinada chegasse até os seus últimos escritos, a desmistificação do discurso científico era a primeira etapa imprescindível nesse caminho. Algo, ainda hoje, plagiando Nietzsche, portador de um eco demasiado alto e demasiado inaudível...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FONSECA, Marcio Alves. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Vol. I. Paris: Gallimard, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Vol. I, IV. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 2003.
- HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- KANT. “Prefácio da segunda edição”. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Gulbenkian, 1985.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- NALLI, Marcos. *Foucault e a Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ROCHA, Jorge A. C. Foucault and the -Noble Sciences. In: *Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, v. 12, p. 1-14, 2022.
- RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica* [1982]. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.